

## OS SONHOS E AS PROFECIAS NA REPÚBLICA CRISTÃ

*Wagner de Mello Elias<sup>1</sup>*

### RESUMO

De acordo com Hobbes, os sonhos proféticos impossibilitam o convívio pacífico dos homens quando aqueles são uma justificativa para a instauração de um poder eclesiástico paralelo ao poder republicano. Para retirar esta justificativa, Hobbes separa os sonhos das profecias, delimitando os sonhos à mente humana e as profecias às Sagradas Escrituras. Com esta separação, a Filosofia Civil legitima a atuação do poder republicano contra a propagação da leitura dos textos sagrados, feita pelos eclesiásticos.

**Palavras-chave:** poder eclesiástico, República, legitimidade, imaginação, Bíblia.

### ABSTRACT

According to Hobbes, prophetic dreams can be conceived as a justification of ecclesiastical power. For this reason, prophetic dreams tend to dissolution of a Commonwealth. For keeping up Commonwealth, Hobbes shows that dreams have to be separated from prophecies. This act of separating determines the limits of dreams and prophecies. Dreams are situated within the mind and prophecies are situated within the Holy Scriptures. Because of this act of reasoning, the sovereign action against ecclesiastical power is legitimated by Civil Philosophy.

**Keywords:** ecclesiastical power, Commonwealth, legitimacy, imagination, Holy Scriptures.

---

<sup>1</sup> Professor Assistente do Departamento de Filosofia da FAFCS/UFU.

## 1. Os Sonhos Proféticos como Justificativa do Poder Eclesiástico

Os sonhos proféticos<sup>2</sup> são um tema fundamental nas obras políticas de Hobbes, porque eles são uma justificativa dos eclesiásticos e dos súditos cristãos que exercem um domínio sobre outros homens.<sup>3</sup> Os sonhos proféticos são um contato de Deus com os homens, possibilitando que estes prevejam as contingências futuras. Esta previsão é interpretada por Hobbes politicamente, porque há, nestas previsões, uma consequência para a segurança da República, que é o desvio da obediência ao poder soberano por parte dos súditos cristãos, devido ao fato de os sonhos anunciarem um novo mundo, que instaura um direito de domínio a profetas e sonhadores.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> O tema *profecias* é sempre atual, devido à possibilidade de um *novo mundo* vir a existir. As profecias são apresentadas aos homens por aqueles que se denominam profetas ou sonhadores e que, geralmente, recusam o mundo como ele é, conseqüentemente, a ordem política instaurada. Com a modernidade, o *novo mundo* é tema na teologia e fora da religião. Na teologia, o tema se renova a partir do sofrimento humano, devido ao exílio existencial do homem, que prepara a alma para a visão (compare Salmo 137 e Is 52:13-53:12 com Jr 29:1-7). Fora da religião, o *novo mundo* decorre das leis que governam a história futura; o *novo mundo* legitima-se na história futura e o profeta é trocado pelo historiador e pelo militante. O *novo mundo* vem dos sonhos dos criadores de novos estilos de vida, de nova cultura; o profeta é trocado pelo criador de valores, na figura do artista e do líder carismático. As profecias também podem ser realizadas pelas nações, segundo K. Löwith: *O messianismo secular das nações ocidentais está associado à consciência de uma vocação nacional, social ou racional cujas raízes se encontram na crença religiosa de ser chamado por Deus para uma tarefa específica de significado universal. É o caso da Inglaterra e dos Estados Unidos, bem como da França, Itália, Alemanha e Rússia. Qualquer que seja a forma que a transformação de uma vocação religiosa num direito secular possa assumir, o significado permanente destas secularizações é a convicção religiosa de que o mundo está rodado do mal e tem de ser salvo e regenerado.* (cf. Karl Löwith, *O Sentido da História*, nota 2, p. 18). A dificuldade da realização do *novo mundo* está em sua justificativa e em sua efetivação; o *novo mundo* sem Deus se legitima em quê? Como este *novo mundo* se efetiva? Estes foram os problemas enfrentados pelos países comunistas e pelos regimes fascistas, que foram concebidos a partir do futuro.

<sup>3</sup> Thomas Hobbes, *Leviathan*, III, XXXVI, p. 451.

<sup>4</sup> Hobbes trata a profecia como uma questão política, porque, no mínimo, três temas políticos estão envolvidos na natureza das profecias, mesmo não sendo explicitado por ele: a legitimidade, a efetividade e o fim do poder político. O uso da força

Hobbes afirma que os profetas e os sonhadores anunciam o Reino de Deus que está para vir, por meio de seus sonhos. Estes são o caminho para a felicidade, que vai se realizando, segundo a tradição teológica, na instauração do Reino de Deus sob o poder eclesiástico.<sup>5</sup>Hobbes alerta ao poder soberano e aos súditos que,

*...aqueles que pretendem ensinar aos homens o caminho para tão grande felicidade pretendem governá-los, quer dizer, dirigi-los e reinar sobre eles, pois é uma coisa que todos os homens, naturalmente, desejam e, portanto, isso merece ser suspeito de ambição e impostura.*<sup>6</sup>

Os súditos cristãos passam a obedecer à voz dos teólogos, que, em detrimento da lei civil e por seguirem seus próprios sonhos, ameçam a segurança da República, pelo fato de seu poder ser paralelo ao republicano. Por causa desta desobediência e ameaça, Hobbes estabelece um vínculo entre os sonhos proféticos e o direito de domínio, a partir do qual os sonhos proféticos devem ser examinados e verificados pelos súditos, antes de estes prestarem obediência ao poder eclesiástico em detrimento do poder republicano.<sup>7</sup>

Este vínculo é necessário porque, se a instauração do Reino de Deus for legítima, a Igreja Católica deve ser obedecida, independentemente do poder republicano, e, com isso, a crítica de Hobbes torna-se injustificável. Se a leitura católica dos textos sagrados for correta, a leitura de Hobbes é irracional e a teologia católica verdadeira. Diante desta alternativa, Hobbes se considera justo e racional, porque a instauração de um poder eclesiástico paralelo ao republicano mostra que a Igreja Católica não é o poder soberano. Se a Igreja Católica fosse o poder soberano ou fosse autorizada por este poder, não existiria

---

concretiza o poder político, dá permanência a este poder, mas necessariamente não o torna legítimo. Não ser legítimo significa que os súditos ou destinatários do poder político podem desobedecer ao poder soberano, porque não é lícito obedecê-lo; a desobediência leva à dissolução do poder, mesmo ele sendo mais forte.

<sup>5</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXVI, p. 466; IV, XLVII, p.704.

<sup>6</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXVI, p. 466.

<sup>7</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXVI, p. 466.

a iminência da dissolução da República, porque a Igreja Católica deixaria de ser um poder paralelo. Este poder desapareceria, porque os súditos teriam prestado obediência ao poder soberano na instituição de uma República Cristã, mesmo se o soberano civil fosse um profeta ou um profeta autorizado pelo soberano civil.<sup>8</sup> Para Hobbes, o poder eclesiástico como um poder paralelo não é legítimo, pelo fato de ele ser paralelo.

Segundo Hobbes, este poder eclesiástico se justifica numa concepção inadequada da natureza dos sonhos, aliada a uma leitura inadequada dos textos sagrados. Por causa de seu interesse pela segurança da República, os sonhos proféticos não são apenas escritos teológicos, mesmo que eles pertençam à teologia, pois, para Hobbes, os sonhos proféticos são um problema de filosofia natural e civil. Eles são um problema de filosofia natural, porque os sonhos dizem respeito ao fundamento da natureza, uma vez que eles ocorrem na mente humana e, por isso, não são fenômenos sobrenaturais. O fato de os sonhos serem registrados em textos considerados sagrados possibilita a remissão dos homens a Deus, e não à mente. Os sonhos proféticos são um problema de filosofia civil, porque eles dizem respeito à obediência dos súditos cristãos, pois são usados como justificativa para a instauração de um poder paralelo que realiza estes sonhos, induzindo, por isso, os súditos cristãos a desobedecerem ao poder republicano. Com isso, o conhecimento dos sonhos proféticos torna-se a referência para argumentar contra a doutrina católica, porque Hobbes vê nos sonhos um desconhecimento dos órgãos da sensação e um abuso na leitura dos textos sagrados.

## **2. A Palavra de Deus nos Sonhos e nas Profecias**

### **2.1. O Lugar e a Natureza dos Sonhos**

Segundo Hobbes, estes sonhos proféticos e estas visões necessitam ser conhecidos, para que os súditos cristãos possam saber se as imagens oníricas realmente vêm de fora da existência humana, ou seja, de fora da natureza, enviadas por Deus e recebidas por homens

---

<sup>8</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXVI, p. 466.

dotados de uma sensibilidade sobrenatural, ou se elas são imagens produzidas na mente humana, não são vindas de lugar algum fora da mente, ou seja, imagens naturais. Se as imagens são naturais, elas não são mensagens enviadas por Deus, e, se forem consideradas como mensagens divinas, elas são ilusões ou mentira dos homens.

Com base na condição sagrada dos textos que registram a manifestação da palavra divina, Hobbes constata que Deus se manifesta aos homens e esta presença divina ocorre de duas maneiras: diretamente a um homem ou por intermédio de outro ao qual Deus tenha antes falado diretamente. Quando Deus fala diretamente a um homem, este homem entende e aceita esta comunicação facilmente. Desses textos, Hobbes seleciona algumas passagens bíblicas para mostrar a forma como Deus tornou manifesta a sua presença aos homens, que é, entre outras, através de uma aparição ou visão.<sup>9</sup> Deus pode se comunicar a um homem durante o sono como na famosa passagem do sonho de Jacob, na qual está escrito:

*Eis posta na terra uma escada, cujo topo atingia o céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela. Perto dele estava o Senhor e lhe disse: Eu sou o Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque, a terra em que agora estás deitado, eu te darei, a ti, e à tua descendência.<sup>10</sup>*

Por Deus ter manifestado sua palavra durante o sono de Jacob, ela apareceu na forma de sonhos. Neste caso, os sonhos são a manifestação da palavra de Deus na forma de voz e imagem, pois Deus aparece na imaginação daqueles que dormem.

Além da presença da palavra de Deus em sonhos, ou seja, quando os homens estão dormindo, Hobbes também constata que Deus se manifesta aos homens numa visão, quando os homens estão acordados, como na passagem que relata a visão de Abraão, na qual está escrito: *“Depois destes acontecimentos veio a palavra do Senhor a*

<sup>9</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXVI, p.460.

<sup>10</sup> Gen 28,12-13. Há um erro na citação registrada na edição do *Leviathan*, Gen 18,12, o capítulo desta citação não é o capítulo 18, e sim o capítulo 28.

*Abraão, numa visão, e disse: Não temas, Abraão, eu sou o teu escudo e teu galardão será sobremodo grande.*<sup>11</sup> Este sonho e esta visão são formas de comunicação direta de Deus aos homens; eles são a presença da palavra divina na forma de imagens.

A segunda maneira que Deus se manifesta aos homens é indireta, ou seja, quando Deus fala pela mediação de outro homem. Esta comunicação é muito mais difícil de ser acreditada, pois não há argumento que convença um homem a acreditar que Deus falou a um outro,<sup>12</sup> porque os sonhos proféticos supõem algum dom divino especial que não caracteriza a natureza humana. Poucos homens experimentaram os sonhos proféticos e raramente verificam a ocorrência destes, e quando ocorrem em alguns homens dotados de sensibilidade especial, é gerada muita admiração entre eles.<sup>13</sup>

No entanto, mesmo sendo raros os sonhos proféticos, Hobbes adverte seus leitores que estes sonhos seduzem os homens, devido à existência de homens que pretendem ser profetas e que consideram seus sonhos uma possibilidade de comunicação de Deus. Alguns súditos cristãos desejam distinguir-se da maioria dos súditos por se considerarem eleitos de Deus, porque acreditam ter se comunicado com Deus em sonhos ou por meio de uma visão da mesma forma que Jacó, Isaac e outros profetas se comunicaram. Tomam como motivo o fato de, nos tempos do Antigo Testamento, em alguns homens especiais, os sonhos e as visões terem sido considerados a palavra de Deus por aqueles que redigiram os manuscritos sagrados e também pelos leitores destes manuscritos. Baseando-se no fato de os homens bíblicos terem sido homens e não filhos de Deus, os leitores destes manuscritos se comparam aos profetas do Antigo Testamento, que, por meio de imagens oníricas ou por uma visão, receberam a revelação da vontade de Deus. Para estes leitores, Jacob, Isaac e outros profetas são iguais a eles, porque, como estes homens bíblicos, estes súditos leitores também sonham.

Ao se compararem aos profetas do Antigo Testamento, estes sú-

<sup>11</sup> Gen 15,1.

<sup>12</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXII, p. 410.

<sup>13</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXVI, p. 466.

ditos cristãos alegam que os sonhos têm uma natureza diferente da sucessão de imagens que ocorre quando os homens estão acordados. Os sonhos são concebidos como uma possibilidade sempre atual de comunicação de Deus com os homens, passando a ser usados como critério de distinção dos súditos entre si e entre estes e o soberano. Alguns homens se consideram os únicos a ter acesso ao sobrenatural, ao alegarem que os sonhos não são iguais para todos os homens, pois nem todos podem se comunicar com Deus, porque Deus não fala com todos os homens, mas somente com eles, que se consideram homens dotados de uma sensibilidade sobrenatural. Eles não se consideram pertencentes à natureza comum dos homens, não são, portanto, delimitados e reduzidos à mecânica e à fisiologia dos corpos.

No entanto, Hobbes, ao contrário dos visionários, não distingue os sonhos entre os súditos cristãos, porque estes compartilham de uma natureza humana que não possibilita esta distinção, pois todos os homens são dotados de corpo, cérebro e mente. Hobbes afirma que a sucessão de imagens na mente, que ocorre durante o sono e é conhecida como sonhos, nada mais é do que imagens em movimento, pois os sonhos são as imaginações daqueles que se encontram adormecidos.<sup>14</sup> Por existir no interior do corpo, isto é, especificamente no cérebro, a mente é fixada como o lugar físico e o ponto de igualdade entre os homens. Com isso, a natureza humana é pensada a partir dos órgãos do corpo.

Os órgãos necessários da sensação, que são o cérebro e os nervos, ficam enfraquecidos durante o sono e, por isso, não são agitados pela ação de objetos externos e não produzem as imagens na sensação. No entanto, os nervos e o cérebro são agitados pelas partes internas do corpo do homem, que permanecem em movimento e, com isso, produzem imagens oníricas durante o sono.<sup>15</sup> Quaisquer sonhos que os homens tenham são causados por estas perturbações internas e são tão diversos quanto a diversidade das perturbações. Durante o sono não ocorre uma interrupção do movimento das imagens oníricas, porque estas são vestígios do efeito dos movimentos que imediata-

<sup>14</sup> Idem, *Leviathan*, I, II, p. 90.

<sup>15</sup> Idem, *Leviathan*, I, II, p. 91-92.

mente se sucedem uns aos outros na sensação e que continuam também juntos, depois da sensação, dentro dos homens.<sup>16</sup>

A sucessão de imagens na mente é paralela à sensação. Com as imagens representadas na mente quando os homens estão dormindo também ocorre o mesmo paralelismo, pois não é qualquer imagem onírica que se segue indiferentemente a uma outra, porque a imagem onírica segue a seqüência dos choques na sensação. Há um paralelismo entre a cadeia de imagens produzidas na sensação pelos choques de corpos e a cadeia de imagens oníricas representadas na mente. Este paralelismo evita uma interpretação errônea destas imagens e de sua relação com o sobrenatural, porque impede que esta relação seja feita.

Com esta definição, Hobbes está afirmando que os sonhos têm a mesma natureza das imagens produzidas na sensação quando os homens estão acordados, não podendo ser investigados fora da sensação e os homens não podem imaginar coisa alguma que esteja fora da cadeia de imagens produzidas na sensação.<sup>17</sup> Com a exposição da natureza dos sonhos, Hobbes explicita a ilusão ou a mentira dos visionários, pois, devido à natureza dos sonhos, é impossível convencer um homem que Deus falou a um outro, tornando possível identificar a ilusão e a mentira e aquele que as produz, denominado de falso profeta. Por isso, quando um súdito diz que teve uma visão, que ouviu uma voz ou que Deus lhe falou em sonhos, ele nada mais fez do que sonhar acordado ou sonhar que Deus lhe falou.<sup>18</sup> Com isso, este homem mostra arrogância e auto-estima, por acreditar que possui

<sup>16</sup> Idem, *Leviathan*, I, II, p. 94.

<sup>17</sup> Hobbes, como Freud posteriormente, delimita e restringe os sonhos ao corpo. Os sonhos são efeitos na mente de um mecanismo no interior do corpo. Diferentemente de Hobbes, para Freud os sonhos são interpretados e têm um objetivo, mesmo não sendo evidente num primeiro momento. Os sonhos são interpretados, porque eles escondem um ordenamento interno e invisível, que, uma vez conhecido, possibilita compreender a sociedade. O inconsciente é o sucedâneo moderno do estado de natureza, separando o indivíduo da natureza, sem que o inconsciente seja eliminado na sociedade, decorrendo disto o mal-estar na civilização. Para Hobbes, o conhecimento da sociedade não passa pela interpretação dos sonhos; pois o segredo da sociabilidade não se encontra nos sonhos, mas no pacto entre os homens.

<sup>18</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXII, p. 410-411.



uma virtude pela qual julga ter merecido o favor de uma revelação extraordinária. Esta virtude na forma de favor nada mais é do que uma intenção de domínio dos supostos visionários sobre os súditos.

A má intenção de homens que se consideram profetas é criticada por Hobbes depois da exposição da mecânica dos sonhos. Há um fundamento mecânico na crítica que Hobbes faz aos falsos profetas. O conhecimento da mecânica dos sonhos é que elucida a falsidade das profecias, e não a fé em Deus ou a autoridade de um homem.

Pelo fato de os sonhos serem definidos como a imaginação daqueles que dormem, as profecias não são compreendidas nos sonhos da mente humana, porque se as profecias são uma forma de comunicação de Deus com os homens, elas não dependem da imaginação, mas da manifestação de Deus. Nas profecias, há uma manifestação da vontade de Deus a alguns homens sem que esta manifestação ocorra da mesma forma nos sonhos da mente humana. Tendo a sensação como referência, Hobbes desloca os sonhos do sobrenatural para a mente humana, não sendo possível a distinção entre profecias e sonhos.

Ao tomar os sonhos como referência, Hobbes concebe os sonhos proféticos como imaginações na mente, portanto, as profecias verdadeiras não dependem dos órgãos dos sentidos, ou seja, não têm a mesma natureza dos sonhos, não podendo mais serem tratadas como os sonhos. As profecias, por não terem a mesma natureza e o mesmo lugar dos sonhos, devem ser procuradas em outro lugar, fora dos órgãos dos sentidos, ou seja, fora da natureza. Se não há sonhos fora da sensação, não há profecias no interior da mente, porque as profecias são uma manifestação direta de Deus aos homens, a qual está registrada em textos considerados sagrados. Este registro é o lugar a partir do qual Hobbes analisa as profecias.

## 2.2. O Lugar e a Natureza das Profecias

A partir da desqualificação dos sonhos como lugar onde ocorre a comunicação de Deus aos homens, Hobbes afirma, a respeito da recepção da fala de Deus, que as

*... muitas maneiras como Deus dá a conhecer sua vontade aos*

*homens só devem ser procuradas nas Sagradas Escrituras, onde há muitas passagens que mostram os sinais pelos quais as pessoas deveriam reconhecer sua presença e seus mandamentos.*<sup>19</sup>

Hobbes toma como referência as Sagradas Escrituras, sendo que, fora delas, não se pode fazer tal distinção, pois o registro bíblico garante a veracidade dos profetas e a delimita às Sagradas Escrituras,<sup>20</sup> estabelecendo o vínculo entre as profecias e o conhecimento do registro da palavra de Deus. Nas Sagradas Escrituras está registrado que os “... profetas extraordinários do Antigo Testamento só tomaram conhecimento da palavra de Deus através de seus sonhos ou imaginações que tiveram durante o sono ou um êxtase ...”.<sup>21</sup> Na leitura destes registros, Hobbes constata a dependência que as profecias têm de uma visão ou de um sonho ou de algum dom divino especial. Os sonhos proféticos são concebidos como testemunhos registrados para a memória dos homens. Estes testemunhos escritos atribuem legitimidade aos sonhos proféticos, e não os sonhos dos profetas aos testemunhos; se os sonhos proféticos não tivessem sido registrados, eles não seriam considerados uma comunicação dos homens com Deus. Os escritos sagrados antecedem os sonhos dos súditos cristãos, não porque aqueles foram escritos antes dos súditos cristãos poderem lê-los, mas porque são registros sagrados e os sonhos dos súditos não são registros sagrados, mas imagens na mente, e esta não é um texto sagrado. Os sonhos dos súditos cristãos não substituem os escritos sagrados, devido à anterioridade destes escritos, que é dada por sua condição sa-

<sup>19</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXVI, p. 458-459.

<sup>20</sup> A delimitação das profecias às sagradas escrituras é domínio da razão sobre o mito. Do ponto de vista político, para Hobbes, longe de as profecias revigorarem moralmente os homens ou rejuvenescê-los, elas os mantêm ou os dirigem para o estado de natureza; as profecias são desnecessárias e negativas, exatamente porque elas encantam os homens. Sonhadores e visionários foram reintroduzidos na Filosofia depois de Nietzsche, na qual sonhos proféticos são necessários e positivos num mundo considerado desencantado pela razão. Esta introdução é vista como um avanço ou revitalização da Filosofia sem, no entanto, que o problema político seja repensado. Grande parte do debate em torno da conexão nazismo-Nietzsche se deve a estes aspectos.

<sup>21</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXVI, p. 461.

grada. Hobbes localiza as Sagradas Escrituras entre os sonhos da mente humana e a palavra de Deus.<sup>22</sup>

As profecias são mediadas pelo conhecimento de seu registro em textos considerados sagrados. Hobbes constata que, nestes textos, os homens recebem o anúncio do Reino de Deus. Este anúncio exige o emprego extraordinário e temporário de um homem por Deus, pois não existe uma profecia sem a presença de um homem especial denominado profeta. Hobbes constata que, nas Sagradas Escrituras, o nome “profeta” tem dois significados principais: o primeiro significado é de *prolocutor*, aquele que fala de Deus ao homem, ou do homem a Deus; o segundo, *prädicator*, aquele que prediz as coisas futuras, ou que fala de Deus ao povo.<sup>23</sup> Segundo Hobbes, eram profetas, nas Sagradas Escrituras, os porta-vozes de Deus, que prediziam para os outros as coisas que Deus havia predito a eles. Também eram profetas todos aqueles impostores que pretendiam prever a ocorrência de acontecimentos semelhantes no futuro. Portanto, conclui Hobbes, não é possível dizer que as profecias eram realizadas, exclusivamente, por homens bem intencionados, mas apenas na maior parte dos casos, pois elas também eram exercidas por homens mal intencionados.<sup>24</sup> Por esta descrição do uso da palavra *profeta*, a profecia é, para Hobbes, tanto ato de Deus falar diretamente aos profetas como o modo (seja ele qual for) pelo qual Deus lhes dá a conhecer sua vontade.<sup>25</sup>

Hobbes identifica os sinais do verdadeiro profeta por intermédio

<sup>22</sup> Hobbes separa, por meio dos textos considerados sagrados, os sonhos das profecias, estabelecendo um lugar para as profecias, ou seja, para a religião. Freud, em *O Futuro de uma Ilusão* e *O Mal-Estar na Civilização*, tenta incorporar a remissão ao sobrenatural como neurose, eliminando este lugar da diferença, porque a religião tem o mesmo estatuto dos sonhos. As sagradas escrituras não são *sagradas*, porque expressam uma neurose coletiva; a palavra *sagrado* é a marca dessa neurose. Para Freud, a revelação da palavra divina não é anterior à imaginação daqueles que dormem, porque ela é a própria imaginação.

<sup>23</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXVI, p. 456.

<sup>24</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXVI, p. 458.

<sup>25</sup> Nos sonhos proféticos, o futuro já existe e é anunciado por um profeta. Na ciência, o futuro ainda não existe, mas é previsto pelos cientistas em decorrência de leis que governam a história, porque estes conhecem as leis que possibilitam este futuro. As profecias mantêm sua importância, porque o que está envolvido em sua

da leitura das Sagradas Escrituras. Para os homens saberem quem são realmente os verdadeiros profetas, eles devem se certificar nas Sagradas Escrituras, pois estas apontam "... o ensino da religião, estabelecida por Deus, juntamente com a realização imediata de um milagre como os únicos sinais admitidos como próprios de um verdadeiro profeta...".<sup>26</sup> Hobbes fixa as Sagradas Escrituras como a única fonte de autoridade da fala daqueles que pretendem ser profetas. Como as Sagradas Escrituras trazem os critérios para identificar as profecias, Hobbes admite a realização de milagres e o ensinamento da religião já estabelecida como os dois sinais em conjunto, e não separadamente, para o reconhecimento do verdadeiro profeta por aquele a quem Deus nunca revelou sua palavra diretamente.

Hobbes adverte, citando Dt.13,1-5 como referência,<sup>27</sup> que não se deve aceitar a pretensão de um homem a profeta, mesmo que ele ensine uma doutrina verdadeira, pois não se pode saber se ocorrerá ou não uma coisa predita por um profeta sem a realização de milagres. A pregação da verdadeira doutrina é um argumento insuficiente, pois a coisa predita necessita ser confirmada por um acontecimento imediato. A realização da coisa predita não pode ser adiada por muito tempo, porque os homens vivem bem menos tempo do que o tempo muitas vezes necessário para verificarem a realização da-

---

análise é a possibilidade da intervenção do homem em sua própria existência; o poder soberano atua no intervalo entre o sobrenatural e o natural. A respeito da relação previsão e anúncio, ou seja, ciência e religião, uma citação de R. J. Ribeiro é oportuna: "Cláudio Hummes, então bispo de Santo André, teria dito ao líder comunista Luiz Carlos Prestes, com quem se encontrou numa manifestação contra a repressão da ditadura aos trabalhadores: 'Estou aqui pelo evangelho de Jesus Cristo'; e o velho marxista lhe teria dito: 'E eu estou aqui pela ciência'. (...)". (Episódio cuja narrativa é atribuída ao próprio sacerdote, já arcebispo de São Paulo, pelo jornal Folha de São Paulo, p.1-4, seção 'Painel', em 4 de abril de 1999.)". (cf. R. J. Ribeiro, *A Sociedade contra o social*, nota 9, p.79).

<sup>26</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXII, p. 414.

<sup>27</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXII, p. 412. A passagem a que Hobbes se refere é esta: "Se entre vós se erguer um profeta, ou um sonhador de sonhos, que pretenda realizar um milagre, e o milagre acontecer; se ele disser para seguirdes deuses estranhos, aos quais não conheceis, não lhes dareis ouvidos, etc. E esse profeta ou sonhador de sonhos deve ser condenado à morte, pois vos disse para vos revoltardes contra Deus vosso Senhor."

quilo que lhes foi predito, sendo este adiamento, portanto, inútil.<sup>28</sup> A partir de Dt.13,1-5, Hobbes afirma que a realização de milagres é insuficiente como argumento para se aceitar a vocação daquele que tem a pretensão de ser profeta, porque a existência de milagres serve para experimentar a constância da dedicação dos homens a Deus e, da parte de quem os realiza, são apenas provas de sua fidelidade a Deus.<sup>29</sup> Conseqüentemente, os homens devem sujeitar-se às doutrinas que estejam conforme as Sagradas Escrituras, porque, depois da redação das Sagradas Escrituras, não foram mais realizados milagres; não há mais sinais que permitem aos homens reconhecerem as pretensas revelações ou inspirações de qualquer indivíduo.<sup>30</sup>

### 3. As Conseqüências da Análise dos Sonhos e das Profecias

A análise dos sonhos e das profecias leva Hobbes a separá-los, por não terem a mesma natureza. Com a separação entre as profecias e os sonhos, Hobbes introduz os sonhos como tema de filosofia natural e de filosofia civil. As profecias são retiradas como tema de filosofia, fixando a leitura e a composição dos textos sagrados como tema da filosofia civil.

Como filosofia natural, as imagens oníricas se explicam pelo movimento e pela fisiologia. A mecânica destas imagens possibilita a Hobbes expor a dependência que os súditos que se dizem visionários têm da imaginação. Por causa desta dependência, as visões de um novo mundo ou do anúncio do Reino de Deus não são um conhecimento sobrenatural conforme os súditos cristãos acreditam que sejam, porque estas visões estão restritas e delimitadas à mente, bloqueando qualquer possibilidade de anúncio do Reino de Deus. O sobrenatural não se distingue do natural e os sonhos ocorrem em qualquer lugar e com qualquer pessoa, porque eles dependem do contato dos objetos com os órgãos dos sentidos, e não dependem do lugar no qual os homens se encontram ou de pessoas dotadas de sensibilidade es-

<sup>28</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXII, p. 414.

<sup>29</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXII, p. 412.

<sup>30</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXII, p. 414.

pecial. Conseqüentemente, os súditos cristãos não devem procurar nos sonhos aquilo que não pode ser alcançado, pois os sonhos remetem os homens para a natureza da mente, do movimento e dos órgãos dos sentidos.

Os sonhos são introduzidos como tema de filosofia civil, porque eles estão relacionados ao convívio dos homens, devido à natureza da imaginação e da mente. A natureza dos sonhos leva Hobbes a prescrever uma norma que dita que os homens não devem obedecer a um homem, seja ele quem for, somente porque este teve um sonho profético, pois um sonho profético é apenas um sonho. Por isso, os sonhos não devem ser usados como forma de legitimidade de um poder eclesiástico e como justificativa de visionários que, para realizar o anúncio do Reino de Deus, instauram um poder paralelo ao poder republicano. A obediência ao poder soberano e os direitos deste poder não se justificam por intermédio de sonhos, mas pela razão.

Com a separação entre os sonhos e as profecias, feita numa obra de filosofia civil, as profecias são retiradas como tema de filosofia. Hobbes mantém o anúncio do Reino de Deus nos textos sagrados, porque eles se referem ao sobrenatural, que não é objeto da filosofia civil.<sup>31</sup> Hobbes transfere as profecias da mente dos homens para o conjunto de textos sagrados, que podem ser lidos e compreendidos pela razão natural. Nesta transferência, Hobbes introduz um novo vocabulário político como referência para a compreensão dos sonhos

---

<sup>31</sup> Isto explica porque hoje soa incompreensível e incomum aos interessados em política o fato de Hobbes escrever a respeito das profecias. Este estranhamento é resultado da própria obra de Hobbes, que, ao estudar as profecias, as excluiu da filosofia política; para Hobbes, a exclusão de um tema da Filosofia não é desconhecimento desse tema. Espinosa, contemporâneo e leitor de Hobbes, ainda tratará das profecias no *Tratado Teológico-Político*, mas nas obras de filosofia política dos autores posteriores a Hobbes, o tema das profecias desapareceu. Em Locke e Rousseau não há um correspondente à Parte III e IV do *Leviathan*. Isto significa que a política será pensada fora da revelação, o que necessariamente não elimina o problema enfrentado por Hobbes (veja as notas 1, 4, 19, 24, deste artigo). O fato de ser incompreensível e incomum mostra o quanto as profecias e a filosofia política de Hobbes nos são desconhecidas e distantes, quando acreditamos que elas nos são próximas e familiares, porque pensamos que elas já foram superadas, ou seja, conhecemos o seu ocaso.

proféticos, sem abandonar as sagradas escrituras. Por causa desta transferência, a teologia posterior à publicação do *Leviathan* incorpora o vocabulário de sua filosofia civil.<sup>32</sup>

Hobbes fixa os manuscritos sagrados entre o súdito cristão e Deus, a partir dos quais os homens apreendem a natureza e o significado da palavra de Deus, os manuscritos são o lugar da comunicação de Deus com os homens e o lugar no qual as visões proféticas do Reino de Deus estão registradas. As Sagradas Escrituras mantêm o registro da comunicação de Deus aos homens como justificativa do anúncio de seu Reino, mas não da instauração do Reino de Deus no mundo dos homens por um poder eclesiástico. Com a mediação dos manuscritos sagrados, Hobbes separa o anúncio do Reino de Deus de sua instauração neste mundo, reservando aos textos sagrados o papel de substituto das profecias. Segundo Hobbes, desde Cristo, as Sagradas Escrituras “... *substituem e suficientemente compensam a falta de qualquer outra profecia...*”,<sup>33</sup> deduzindo-se, desta compensação, todas as regras necessárias para se conhecer quais os deveres dos homens para com Deus sem que eles aleguem uma inspiração sobrenatural.<sup>34</sup>

Por depender da vontade de Deus, a profecia não é uma arte e, quando é tomada como predição, não pode ser considerada uma vocação constante de um homem. A profecia não é uma arte, porque ela não depende de um aprendizado, como aquele aprendizado que possibilita a um homem construir um artefato; os homens não podem construir sonhos proféticos. A profecia não é uma vocação constante, porque nenhum homem nasce profeta e se algum homem tiver

<sup>32</sup> Allan Bloom chama a atenção para esta incorporação. Segundo ele, o fato de os teólogos depois de Hobbes passarem a usar o vocabulário hobbesiano, significa a vitória de Hobbes sobre os teólogos: “*When bishops, a generation after Hobbes’s death, almost naturally spoke the language of the state of nature, contract and rights, it was clear that he had defeated the ecclesiastical authorities, who were no longer able to understand themselves as they once had*” (cf. *The Closing American Mind*, p.141,142). Um exemplo desta incorporação é o recente livro do teólogo Bruno Forte, *Teologia da História*, no qual o estado de natureza é apresentado em sua versão moderna: a ecologia. Esta é usada para pensar a revelação, o início e a consumação. (cf. *Teologia da História*, principalmente a segunda parte, p. 205-296).

<sup>33</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXII, p. 414.

<sup>34</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXII, p. 414.

uma visão, ele não será um profeta por causa desta visão. A vocação e a construção não são critérios, segundo Hobbes, para distinguir a profecia da ilusão ou da mentira.

Por serem resultados escritos de testemunhos a respeito da palavra divina, as profecias podem somente ser lidas e transmitidas pela exposição de um orador que se baseie nestes escritos, o que torna a leitura deles um testemunho de fé. A leitura e o estudo dos textos sagrados tornam-se temas da filosofia civil, porque há a mediação do leitor entre os manuscritos sagrados e a palavra divina.<sup>35</sup> A análise que Hobbes faz dos manuscritos possibilita-lhes desqualificar os oradores que justificam em sua leitura a instauração do Reino de Deus neste mundo na forma de um poder eclesiástico como um poder paralelo ao poder republicano, porque esta leitura não é a palavra de Deus, mas o que o orador diz a respeito de Deus. Por considerar a teologia um discurso a respeito de Deus, Hobbes a concebe como um artifício ineficiente e ilusório. Para Hobbes, a doutrina católica não é necessariamente a palavra de Deus, mas o que os homens falam a respeito de Deus.<sup>36</sup> Esta teologia é um artifício daqueles que desejam ir além da sensação por ambição e glória, fundando uma autoridade eclesiástica fora da imaginação, isto é, na posse da palavra divina.<sup>37</sup> Como os homens somente podem ler a palavra divina ou ouvir sua

<sup>35</sup> Segundo R. Janine Ribeiro, "(...) a leitura rigorosa de textos se desenvolve, no século XVII, sobre a Bíblia. "O Livro" da religião, o livro por excelência, serve de ensejo e objeto ao desenvolvimento de uma disciplina que desembocará em nossa prática cotidiana. Hobbes, por exemplo, não dedica páginas à análise de Aristóteles e dos autores a quem refuta, ou à de Bacon e dos pensadores a quem aprecia – mas consagra parte de sua obra a explicar as Escrituras que sabemos sagradas. (...) Debater as questões históricas de composição do texto bíblico e o significado do discurso inspirado (portanto às vezes tão obscuro) foi a escola para a análise de textos. O que hoje passa por técnica, passível de um aprimoramento neutro (dividir o texto em partes, definir bem os conceitos, identificar seu movimento ou questões) teve sua origem numa história até heróica: a de pensadores que se medem com a Sagrada Escritura, submetendo-a a um crivo que nele diminui o terrível, e com isso reduz o domínio do clero sobre as consciências dos fiéis." (cf. R. J. Ribeiro, *A Última Razão dos Reis*, p.58-59).

<sup>36</sup> Idem, *Leviathan*, III, XXXVI, p.451- 452.

<sup>37</sup> Hobbes recusa esta doutrina, porque ela é um artifício ineficiente, ou seja, irracional e ilegítimo. Para isso, Hobbes não se vale da autoridade da história, ou seja, da experiência ou memória dos testemunhos, da revelação ou da autoridade dos



leitura, logo, quando um homem diz que fala por inspiração sobrenatural, ele está apenas afirmando que deseja falar de tal forma. Hobbes defende a desobediência dos súditos ao poder eclesiástico quando este não for o poder soberano, pois nenhum homem é obrigado a acreditar e a obedecer a um outro homem, somente porque este afirma que falou com Deus, seja pelos sonhos, visão, voz ou inspiração sobrenatural. Os homens não devem profetizar sobre aquilo que não lhes foi revelado.

Com esta exposição, Hobbes, simultaneamente, defende-se de seus inimigos e os ataca. A análise das profecias nas Sagradas Escrituras não retira sua condição de palavra revelada, evitando que Hobbes seja acusado de ateu ou de um intérprete que está desqualificando o texto bíblico; ou seja, Hobbes não escreve contra os verdadeiros cristãos, nem a favor dos ateus, a respeito dos quais Hobbes escreve contra. Além de manter a revelação da palavra divina, Hobbes introduz a razão entre os textos sagrados e os leitores destes textos, exercendo um controle sobre as conseqüências desta leitura.

### Referências bibliográficas

- Bíblia Anotada, Versão Almeida, revista e atualizada. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1994.
- BLOOM, A. *The Closing American Mind*. New York: Simon & Schuster, 1987.
- FORTE, B. *Teologia da História*. São Paulo: Editora Paulus, 1995.
- FREUD, S. *O Mal-Estar na Civilização*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_. *O Futuro de uma ilusão*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

---

livros, mas da razão. Analisando em termos hobbesianos, a teologia católica não é um efeito do modo de produção feudal, mas uma leitura que justifica a instauração do Reino de Deus neste mundo, independente da forma que os homens trabalham. A permanência da Igreja Católica no mundo atual não pode ser explicada como se ela fosse um resíduo medieval; pois, se ela é um resíduo, como a Igreja se renova num modelo que a recusa? Seu mecanismo de renovação está na leitura dos textos sagrados, e não na produção econômica ou nas formas de governo. A atualidade da leitura de Hobbes reside neste ponto. As teologias da libertação são um exemplo disso.

HOBBS, T. *Leviathan*. England: Penguin Books, 1985.

LÖWITZ, Karl. *O Sentido da História*. Lisboa: Edições 70, 1991.

\_\_\_\_\_. *O Futuro de uma Ilusão*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RIBEIRO, R. J. *A Última Razão dos Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *A Sociedade contra o social*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.